



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE TURISMO - UUCG**

CARLOS ALBERTO LEITE NUNES

**TURISMO DE EXPERIÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO NO
SÍTIO PASSARIM EM RIO VERDE DE MATO GROSSO-MS**

Campo Grande – MS

2017



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE TURISMO - UUCG**

CARLOS ALBERTO LEITE NUNES

**TURISMO DE EXPERIÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO NO
SÍTIO PASSARIM EM RIO VERDE DE MATO GROSSO-MS**

Artigo elaborado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Turismo no Curso de Turismo, orientado pela professora Dra. Débora Fittipaldi Gonçalves

Campo Grande – MS

2017

CARLOS ALBERTO LEITE NUNES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
CURSO DE TURISMO
ÊNFASE EM EMPREENDEDORISMO E POLÍTICAS PÚBLICAS**

**TURISMO DE EXPERIÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO NO SÍTIO
PASSARIM EM RIO VERDE DE MATO GROSSO-MS**

APROVADO EM: / /

Orientadora: Prof.^a Dra. Débora Fittipaldi Gonçalves

Membro Banca: Prof. Dr. Djanires Lajeano Neto de Jesus

Membro Banca: Prof.Dr. Waldir Leonel

**TURISMO DE EXPERIÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO NO SÍTIO PASSARIM EM
RIO VERDE DE MATO GROSSO-MS**

TOURISM OF EXPERIENCE: A CASE STUDY AT THE SITIO PASSARIM IN RIO VERDE DE MATO GROSSO-MS

TURISMO DE EXPERIENCIA: UN ESTUDIO DE CASO EN EL SITIO PASSARIM EN RIO VERDE DE MATO GROSSO-MS

Carlos Alberto Leite Nunes¹
Débora Fittipaldi Gonçalves²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo geral verificar se as práticas de turismo do Sítio Passarim, se caracterizavam como Turismo de Experiência. Traduz os resultados de uma pesquisa realizada através de um estudo de caso no espaço turístico Sítio Passarim, área rural do município de Rio Verde de Mato Grosso-MS. A investigação buscou conhecer o processo de desenvolvimento da atividade turística da localidade, para saber a possibilidade de ser enquadrado na segmentação de Turismo de Experiência. A coleta de dados da pesquisa foi desenvolvida no mês de setembro do ano de 2017. O trabalho teve caráter exploratório e descritivo, tendo sido utilizados os métodos da pesquisa documental, bibliográfica e de campo, da pesquisa qualitativa e da observação direta do espaço delimitado no estudo. Os resultados apresentados constataram que as atividades realizadas no Sítio Passarim são caracterizadas como Turismo de Experiência, com base na interculturalidade apresentada nos relatos dos entrevistados e por meio de conhecimento promovido através da experiência, apontando para quiçá uma escola de bioconstrução no Sítio Passarim.

Palavras-chave: Turismo de Experiência; Sítio Passarim; Bioconstrução.

ABSTRACT

The present article has as general objective to verify if the tourism practices of the Sítio Passarim were characterized as Tourism of Experience. The study shows the results of a research carried out through a case study in the tourist space named Sítio Passarim, rural area of the municipality of Rio Verde of Mato Grosso-MS. The research sought to know the process of development of the tourist activity of the locality, to know the possibility of being framed in the segmentation of Tourism of Experience. The research was carried out in September 2017. The work was exploratory and descriptive, using the methods of documental, bibliographical and field research, qualitative research and the observation of the space delimited in the study. The results presented point to possibilities of tourism of experience, based on the interculturality presented in the interviewees' reports and through knowledge promoted through experience and perhaps pointing to a school of bioconstruction in the Sítio Passarim.

¹ Graduando em Turismo na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: stcarlos.alberto@gmail.com

² Bacharel em Turismo (UCDB). Doutora em Desenvolvimento Regional – FURB/SC 2016. E-mail: defittipaldi@uem.br

Keywords: Tourisme of Experience; Sítio Passarim; Bioconstruction.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo general verificar si las prácticas de turismo del Sitio Passarim, se caracterizaban como Turismo de Experiencia. Traduce los resultados de una investigación realizada a través de un estudio de caso en el espacio turístico Sitio Passarim, área rural del municipio de Rio Verde de Mato Grosso-MS. La investigación buscó conocer el proceso de desarrollo de la actividad turística de la localidad, para saber la posibilidad de ser encuadrado en la segmentación de Turismo de Experiencia. La recolección de datos de la investigación fue desarrollada en el mes de septiembre del año 2017. El trabajo tuvo carácter exploratorio y descriptivo, utilizando los métodos de la investigación documental, bibliográfica y de campo, de la investigación cualitativa y de la observación del espacio delimitado en el estudio. Los resultados presentados apuntan posibilidades de turismo de experiencia, con base en la interculturalidad presentada en los relatos de los entrevistados y por medio de conocimiento promovido a través de la experiencia, apuntando quizá para una escuela de bioconstrucción en el Sitio Passarim.

Palabras-claves: Turismo de Experiencia; Sítio Passarim; Bioconstrucción.

1. PALAVRAS INICIAIS

Os turistas na atualidade têm migrado da prática de frequentar os atrativos de forma passiva, meros expectadores e ouvintes conduzidos por um guia de turismo a lugares pré-determinados, ditos “os atrativos mais importantes” que não podem deixar de ser visitados, para um turismo ativo, do qual possam participar e não apenas olhar, que ofereça atividades que estimulem a sua criatividade, proporcionando experiências físicas e de interação entre eles e moradores locais (PANOSSO NETTO; GAETA, 2010). Do mesmo modo que outras atividades de consumo, a atividade turística também passou por transformações para atender esse público. O resultado dessas mudanças no turismo tem se convertido em um importante conceito para a área e, conseqüentemente, uma outra prática no segmento, despertando o interesse de pesquisadores e consumidores do mundo todo.

Nesse sentido, surge o Turismo de Experiência, um tipo de turismo que pretende marcar o turista de maneira profunda e positiva (PANOSSO NETTO, 2010). Na prática, para que isso aconteça, o atrativo deve possuir elementos e atividades que realmente envolvam o turista, só assim ele vai poder sentir, viver, emocionar-se e na sua mente gravar a experiência vivida e seus aprendizados.

O estudo que originou o presente trabalho traz como tema o Turismo de Experiência e, a partir das teorizações sobre o assunto, lança olhar para um caso específico: o do Sítio Passarim, em Rio Verde de Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul. Nesse atrativo turístico, é promovida esporadicamente uma atividade denominada “Semana de Troca”³, sendo que as especificidades dessa atividade dão indícios de que se pode classificar o que acontece no Sítio como Turismo de Experiência. Tomando essa questão como eixo, então, serão aqui desenvolvidas as reflexões que propõe este texto.

Esse trabalho de pesquisa tem como principal objetivo verificar se as práticas de turismo do Sítio Passarim, se caracterizavam como Turismo de Experiência. De modo mais específico, busca-se caracterizar o Sítio nos aspectos geográficos, ambientais e turísticos, identificar suas atividades e direcionar propostas e atividades de Turismo de Experiência buscando aspectos e elementos que configuram essa segmentação turística. Para atingir os objetivos propostos, neste estudo de caso, utilizou-se como estratégia a coleta de dados por meio de pesquisa participante e entrevistas semiestruturadas com os turistas que participaram da “Semana de Troca” do Sítio Passarim.

Nos próximos itens, então, encontram-se descritos a fundamentação teórica que sustenta o estudo, os procedimentos metodológicos, a apresentação e discussão dos dados coletados e, por fim, as considerações finais.

2. TURISMO DE EXPERIÊNCIA

Os homens das antigas civilizações adquiriam suas experiências através das viagens que faziam em busca de conhecimento. Essas viagens não se resumiam apenas ao deslocamento geográfico, cultural, social, mas uma experiência de fundamental importância para as pessoas, a de conhecer seu interior (PANOSSO NETTO; GAETA, 2010).

Nesse contexto surge uma nova segmentação do Turismo que vem para suprir essa necessidade de viver algo novo, que estimule os sentidos e os sentimentos das pessoas, que é o Turismo de Experiência: “[...] a humanidade chegou a um estágio em que poucas coisas simples lhe interessam. O que a grande maioria das pessoas busca é algo marcante, diferente, que fuja do senso comum e da ‘vidinha simples’ que se desenha na correria do dia a dia” (PANOSSO NETTO; GAETA, 2010, p.47).

³ Semana de troca é uma atividade oferecida pelo Sítio Passarim que consiste na troca de trabalho por hospedagem e alimentação.

No fim do século XX, estudiosos começaram a prestar atenção em algumas alterações no comportamento de consumo das pessoas e verificaram que estava acontecendo uma mudança da lógica onde a produção industrial supre a necessidade de possuir coisas para outra onde o elemento central da necessidade humana é o envolvimento emocional, o propósito, o fazer sentido (SEBRAE, 2015). Essa mudança no comportamento do consumidor deu origem à economia da experiência, quando o serviço deixa de ser apenas a prestação de um serviço comum como uma refeição ou um passeio turístico para ser a oferta de uma experiência memorável que gera emoção e engajamento. Dois trabalhos são considerados precursores da *experiência e consumo* na literatura científica, sendo eles: “A Sociedade dos Sonhos” do dinamarquês Rolf Jensen (1999) e “A Economia da Experiência”, dos norte-americanos B. Joseph Pine II e James H. Gilmore (1999).

Os referidos autores dizem que a sociedade está vivenciando uma nova era onde empresa tem como produto a oferta de experiência para satisfazer os consumidores com seus sonhos. Com isso aumenta a responsabilidade dos atores do turismo que terão de se adaptar e se diferenciar, promovendo ações que envolvam o cliente através de experiências marcantes e memoráveis.

O Ministério do Turismo, em parceria com o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), apresentou o projeto *Tour da Experiência*, com o objetivo de desenvolver destinos que emocionem a partir da valorização dos empreendimentos que apresentam produtos diferenciados e que estejam alinhados com os conceitos da economia da experiência. Este Projeto começou no Rio Grande do Sul, na região da uva e do vinho, e se expandiu para Petrópolis, Belém, Bonito e outros destinos turísticos e desde então vem se difundindo por cidades de diferentes portes, do sertão ao cerrado, passando pelo litoral (SEBRAE, 2015).

Contar histórias sobre o local, também é um recurso para criar vínculo com o turista e fazer com que ele se envolva e sinta que é parte dessa tradição, mostrar a paisagem através de um passeio destacando os pontos marcantes do lugar, apreciar o pôr do sol, realizar atividades de aventura como rapel, arvorismo, trilhas dentre outras atividades que proporcionem contato direto com o meio ambiente, dormir em uma rede, provar da culinária local, pois a gastronomia é um ponto relevante de uma cultura, ensiná-lo a preparar pratos típicos e conhecer seus ingredientes, deixar que ele mexa na terra e aprenda cultivar alguns alimentos, enfim realizar tudo que proporcione uma experiência mais profunda e marcante com o local. Esta é uma experiência inesquecível e rica em conhecimentos, vindo de encontro ao

consumidor que está em busca de novas emoções e espera que o destino lhe proporcione uma experiência diferenciada e única.

Entretanto, para desfrutar tudo isso o viajante precisa estar sem pressa e desejar ter experiências desse tipo. Uma forma diferente de viajar que contempla essa demanda do turista é o *slowtravel*⁴. Fazer uma viagem mais longa para conhecer uma cultura, idioma e um lugar, participar das atividades diárias das pessoas, entrar em contato com os moradores de outra localidade, tecer conhecimento sobre outras culturas, observar as diferenças e entendê-las. É aprender a diminuir o ritmo frenético, para viver mais e melhor.

O *slowtravel*, que tem como objetivo viver uma experiência especial faz parte do movimento “*slow*”, que teve como precursor o “*slowfood*”⁵. Criado na década de 1980 surgiu como contraponto ao movimento do *fastfood*⁶ pautado na aceleração da vida em função do aumento da produtividade exigido no atual mundo de trabalho. Enquanto o “*slowfood*” representa a conexão com os alimentos, o “*slowtravel*” incentiva a conexão com as pessoas, os lugares e a cultura local (MOTTOSLOWTRAVEL, 2017).

Há duas formas de *slowtravel*: uma baseia-se em ficar uma semana ou mais em um único lugar, ou seja, experienciar mais, viver mais, conhecer mais esse lugar; a outra consiste em conhecer o que está mais próximo no destino onde se está e em fugir das indicações dos guias de viagem a respeito do “imperdível” ou do “o que ver”. Em outras palavras, uma forma de viagem inteligente (PANOSSO NETTO; GAETA, 2010).

Essa forma diferente de viajar tem o propósito de desacelerar ritmos de vida, mudar práticas, propiciar que se vivencie mais e melhor cada destino, explorar atrativos além de monumentos e museus, instigar as conversas com os moradores locais, o uso de transportes públicos, as mudanças de planos, mantendo sempre como objetivo o viver uma experiência especial.

O viajante tem oportunidade de conhecer mais do local, trocar um deslocamento de metrô por trem, passeio de carro por charrete em uma área rural, viagem de avião por carro podendo desfrutar mais e com mais tempo, passear pela comunidade apreciando o cotidiano, conhecendo seus costumes, ou simplesmente observar o movimento das pessoas na rotina do dia a dia, sem aquela pressa de conhecer o máximo de atrativos em um curto espaço de tempo.

⁴Slowtravel é um modo de viajar que prioriza a qualidade das experiências e não a quantidade de lugares visitados.

⁵Slowfood é um manifesto que defende o ato de sentar-se à mesa e redescobrir os sabores e aromas da cozinha, valorizando cada momento da boa alimentação.

⁶Fastfood ou “comida rápida” é o nome dado ao consumo de refeições que podem ser preparadas e servidas em um intervalo pequeno de tempo.

Os representantes do *trade* turístico devem ter sempre em mente que os clientes desejam sensações, que muitas vezes ficarão marcadas em sua mente para o resto de suas vidas. Uma vivência é uma forma de prolongar a sensação, as vivências afetam o que as pessoas podem fazer e para onde querem ir.

Os seres humanos sempre procuraram novas e empolgantes experiências para aprender e crescer, consertar e reformar (PINE II; GILMORE, 1999). Os autores Pine II e Gilmore (1999) citam com regularidade em seu livro as palavras vivência e experiência e, para que entendamos a real diferença entre elas, buscamos a teoria do filósofo alemão Walter Benjamin⁷ em seu livro "Sobre Alguns Temas em Baudelaire" (1983), onde descreve que a *experiência* se liga à memória e conota uma tradição; já a *vivência* se dá através do que ele chama de "choque" – contato superficial com a realidade, sem força suficiente para ser guardado pela memória inconsciente, ou seja, que não causa registro profundo.

Sendo assim, em uma atividade turística, a visita a um local somente para fotografá-lo, seria considerada uma vivência e não uma experiência, para que se caracterize como uma experiência deveríamos conhecer, experimentar o local, entrar em sua tradição e tudo o que foi vivido ficaria guardado em nossa memória.

Segundo SEBRAE (2015), cinco elementos precisam estar presentes para que um serviço simples seja transformado em um serviço orientado para a experiência, são eles: a) o *sentido*, atividades que estimulem os cinco sentidos (visão, audição, tato, paladar e olfato); b) o *sentimento*, atividades afetivas que apelem para os sentimentos e emoções do turista; c) o *pensamento*, atividades que estimulem a criatividade e sejam uma novidade para o turista e que consigam trazer um aprendizado; d) a *ação*, atividades que proporcionem experiências físicas e de interação entre turistas e moradores locais; e) a *identificação*, atividades que foquem e estimulem "experiências pessoais", ações que coloquem o turista em contato direto com o contexto social e cultural do destino.

O Turismo de Experiência quando praticado em comunidades locais, proporciona uma interação entre o turista e moradores dessa localidade e, quando essa relação gera harmonia e equilíbrio com o meio ambiente, promove-se um estilo de vida que pode ser compreendido como "Bem Viver".

⁷ Filósofo, ensaísta, tradutor e crítico literário alemão, nascido no seio de uma família judaica em Berlim no ano de 1892. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico.

2.1 Bem Viver

Por diversas partes no mundo cresce a resistência ao sistema de dominação do capital globalizado pelas grandes corporações sobre as nações, as pessoas e sobre a natureza. Está surgindo algo novo que tem como base em economia solidária e respeito com a natureza, uma economia que não visa apenas o lucro da maneira capitalista, mas se coloca a serviço da vida e uma política centrada na hospitalidade, colaboração, tolerância e solidariedade entre os povos, esse movimento é o Bem Viver, ou “Buen Vivir” ou “Vivir Bien”.

Deriva-se dos povos andinos da América do Sul, desde o sul da Venezuela ao norte da Argentina, sob muitos nomes dos quais os dois mais conhecidos são: Sumak Kamsay (da cultura quechua) para os povos equatorianos e Suma Qamanã (da cultura aymara) para os povos bolivianos, que significam, o processo de vida em plenitude (ESTERMANN, 2012). Saber viver e conviver com os outros, com a comunidade, com a Divindade, com a Mãe Terra, com suas energias presentes nas montanhas, nas águas, nas florestas, no sol, na lua, no fogo e em cada ser. É um modo de vida que procura-se uma economia não da acumulação de riqueza mas da produção do suficiente e do decente para todos, respeitando os ciclos da Pacha Mama (mãe terra) e as necessidades das gerações futuras (LEITE, 2016).

Senplades (2009, p.10), entende o conceito de Bem Viver como:

[...] um compromisso com a mudança [...] que permite a aplicação de um novo paradigma econômico, cujo final não se concentra no material, na acumulação mecanicista e interminável de bens, mas em vez disso promove uma estratégia econômica inclusiva, sustentável e democrática. [...] Além disso, ‘**Bem Viver**’ é construído [...] sobre a transição do atual antropocentrismo para o biopluralismo [...]. Finalmente, ‘**Bem Viver**’ também se baseia nas demandas por igualdade e justiça social, e no reconhecimento, avaliação e do diálogo dos povos e suas culturas, formas de conhecimento e modos de vida.

Os princípios do Bem Viver questionam o modelo economicista que é imposto às comunidades e países latino-americanos. Visualiza o desenvolvimento em uma perspectiva qualitativa, visão sustentável do ambiente e das práticas culturais (GONÇALVES, 2016). Esse modelo economicista afasta as pessoas da vida em comunidade para viver uma vida individualizada voltada para o consumo em nome de um desenvolvimento que vê exclusivamente no crescimento econômico de exploração o meio para conquistar uma boa vida.

O mundo está passando por um “mau desenvolvimento”, principalmente nos países considerados industrializados em que o estilo de vida servia de referência para países atrasados, e a discussão de Bem Viver se reflete nesses países, onde são questionados os fundamentos do progresso capitalista (SEGATO, 2014).

O Bem Viver, é uma filosofia de vida baseada na convivência com o próximo e com a natureza, num ambiente de harmonia envolvendo a comunidade com o meio ambiente e seus diferentes seres buscando sempre o equilíbrio.

Para Acosta (2012), o *Buen Vivir* estabelece uma visão de mundo diversa da lógica capitalista de felicidade, uma vez que propõe a apropriação de outros valores, saberes e prática, permeada pelo conhecimento ancestral dos povos originários da América Latina, entende-se que o Bem Viver tem contribuído para a construção de uma nova perspectiva de felicidade, baseada no resgate da dimensão ética de respeito aos seres humanos em diálogo com a natureza. Coadunando com Acosta (2012), Mollo (2011, p.31) acredita que “não se pode viver bem, se os demais vivem mal”. Trata-se de viver como parte da comunidade, com sua proteção, em harmonia com a natureza, “viver em equilíbrio com o que nos rodeia” (ibid.).

Na visão de Markus e Gierus (2013), na cosmovisão indígena, o Bem Viver se apresenta nas seguintes dimensões: a) *territorialidade e meio ambiente*: o Bem Viver deve ser para todos os seres, que irão desfrutar de uma terra livre com águas puras e as florestas sagradas cuja preservação é de fundamental importância para o Bem Viver indígena; b) *cultura*: preservar a cultura dos antepassados e saber compartilhar faz parte desse Bem Viver; c) *economia*: trabalhar para ter o suficiente para viver, respeitando a mata e compartilhando o excedente; e d) *vida em comunidade*: preocupação com o bem estar coletivo tendo respeito e compromisso como outro.

Hidalgo Capitán (2012, p.16) vai além da cosmovisão indígena ao discorrer sobre a existência de três correntes do Bem Viver: (1) a indigenista e a pachamamista, (2) a socialista e estadista, e (3) a pós-desenvolvimentista e ecologista.

A primeira e originária seria a corrente *indigenista epachamamista*, caracterizada pela relevância que se da autodeterminação dos povos indígenas na construção do Bem Viver, assim como aos elementos mágico-espirituais (*La Pachamama*). [...] Estaria vinculada com o pensamento indígena pré-moderno. [...] *A segunda* seria a corrente *socialista e estadista*, caracterizada pela relevância que da a gestão política-estatal do Bem Viver, assim como aos elementos relativos à equidade social. [...] e *a terceira* seria a corrente *post-desenvolvimentista e ecologista*, caracterizada por relevância que se da à construção participativa do Bem Viver, com a inclusão de

aportes indigenistas, socialistas, feministas, teológicos e, sobretudo, ecologistas. Falam do Bem Viver como uma alternativa ao desenvolvimento, como uma utopia em construção [...].

O Bem Viver é essencialmente, um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a natureza, essa relação é essencial na construção desse Bem Viver. Vem como alternativa a uma sociedade direcionada para o consumismo onde o viver bem é sinônimo de ter mais, adquirir bens materiais sem necessitar, apenas para sentir-se inserido na sociedade onde o mais importante é a aparência. Tudo isso torna as pessoas escravas de si mesmas e do modelo capitalista de competição e individualismo (ACOSTA, 2016).

A humanidade está vivendo uma crise civilizatória, a saída é achar modos de vida que não sejam regidos pela acumulação do capital, o ser humano se transformou em uma simples ferramenta para as máquinas, quando a relação deveria ser inversa, o Bem Viver é uma possibilidade de um caminho para garantir a esses seres humanos e não humanos – um presente e um futuro, assegurando, assim, a sobrevivência da humanidade (ACOSTA, 2016). Alternativas a essa crise civilizatória têm sido propostas em diversos lugares, encontrando terreno especialmente fértil em cidades do interior do país.

2.2 Rio Verde de Mato Grosso-MS

O município de Rio Verde de Mato Grosso está situado na região norte do Estado de Mato Grosso do Sul, com sede localizada a 204 km da capital Campo Grande. Segundo dados do Censo IBGE 2010 sua população é de 18.890 (dezoito mil oitocentos e noventa) habitantes, e possui uma área de 8.154.522 km² (oito milhões cento e cinquenta e quatro mil quinhentos e vinte dois quilômetros quadrados), representando 2,38% da área do Estado. Seus limites são: ao norte com o município de Coxim, ao sul com o município de Rio Negro, a leste com o município de São Gabriel do Oeste e a oeste com os municípios de Corumbá e Aquidauana.

Os primeiros habitantes foram os índios caiapós que acabaram fugindo de suas terras no século XVII com a chegada dos bandeirantes. As terras do atual município permaneceram inabitadas até o ano de 1885, quando lá se instalou Américo de Souza Brito que adquirira uma extensa faixa de terra situada à margem esquerda do rio Verde, posteriormente acabou vendendo a maior parte dessas terras para Antônio Vitorino da Costa, que instalou a fazenda Campo Alegre. Posteriormente vieram novos migrantes e a consequente abertura de novas

fazendas de gado e de agricultura de subsistência, dando início à constituição da cidade de Rio Verde de Mato Grosso (IBGE, 2010).

O Município de Rio Verde de Mato Grosso, que durante algum tempo se chamou Coronel Galvão, recebeu esse topônimo em virtude de um curso d'água que banha a sede municipal e tem essa denominação. O termo Mato Grosso⁸ foi acrescentado por força da legislação que rege o assunto e para evitar confusão com o Município de Rio Verde, no Estado de Goiás (SEBRAE, 2017).

Rio Verde de Mato Grosso pertence à Bacia Hidrográfica do Paraguai. Parte do município pertence ao complexo do Pantanal e seu principal acidente geográfico é o rio Taquari. Conta com grande quantidade de nascentes no território e seus limites com outros municípios são marcados por cursos d'água. No território do município de Rio Verde de Mato Grosso há, segundo Diário Oficial do MS (2012), duas unidades de conservação ambiental; APA Rio Cênico Rotas Monçoeiras com 1.743.913 ha e APA das Sete Quedas de Rio Verde com 18.825.467 ha e quanto à economia seu mais importante setor é o agropecuário, com a criação de bovinos e na agricultura destaca-se em culturas temporárias o cultivo de soja (SEBRAE, 2017).

A área onde está localizado o município é uma das mais importantes de turismo do Estado, com destaque para a Cachoeira das Sete Quedas, Balneário Quedas d'Água e o Balneário Sete Quedas. Rio Verde também é referência em turismo rural e turismo de aventura. (RIO VERDE, 2017).

Quanto à infraestrutura e logística, a sede do município de Rio Verde de Mato Grosso tem acesso rodoviário pela BR 163, que liga Campo Grande a Cuiabá. A rodovia é uma importante via para o escoamento da produção agrícola do Centro-Oeste, atualmente encontra-se em fase de duplicação e conseqüentemente terá impactos positivos para a economia do município e deverá multiplicar o potencial de Rio Verde como polo turístico da região (SEBRAE, 2017).

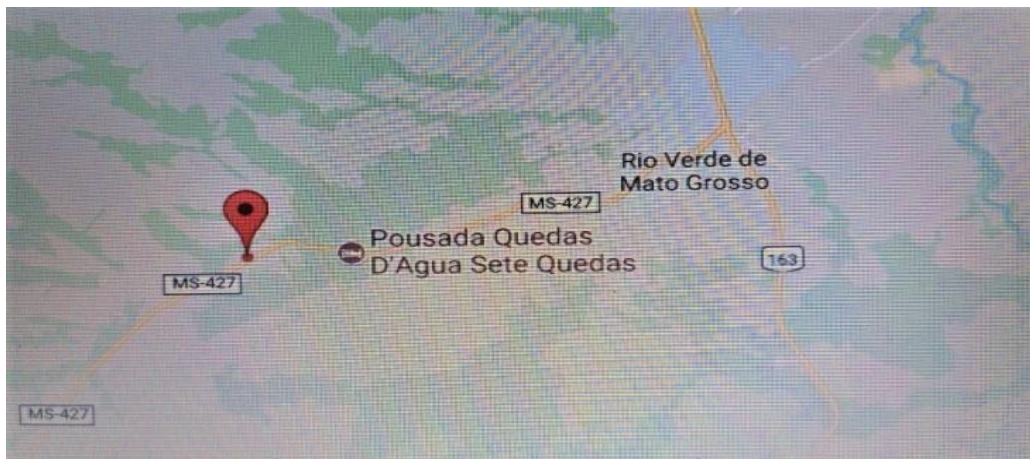
2.2.1 Sítio Passarim

O potencial turístico do Mato Grosso do Sul vai além do Pantanal e da Serra da Bodoquena. Existem outros eixos turísticos que merecem atenção e possuem potencial para se

⁸ Até 11 de outubro de 1977, havia apenas o estado de Mato Grosso. Somente dessa data em diante, com a emancipação política, criou-se o atual estado de Mato Grosso do Sul, onde Rio Verde de Mato Grosso está localizado.

desenvolver, principalmente aqueles que incluem o fator experiência como atratividade. Um exemplo disso é o Sítio Passarim que está localizado na área rural do município de Rio Verde de Mato Grosso-MS. Dista aproximadamente 10 quilômetros do centro da cidade e 210 quilômetros de Campo Grande – capital do Estado. A via de acesso é pela rodovia MS 427 e sua localização é no quilômetro 9, como representa o mapa abaixo:

Figura 1 - Mapa de Localização do Sítio Passarim



Fonte: Google Maps, 2017

Em 2007 o ex-bancário Antônio Roberto de Arruda resolveu mudar de vida. Mudou-se de Corumbá, também em Mato Grosso do Sul, para Rio Verde de Mato Grosso, onde montou uma pousada a qual chamou Sítio Passarim. Inicialmente o sítio foi utilizado apenas para encontro de familiares. No final de 2013, por uma necessidade de estruturação do local e por dificuldades financeiras, surgiu a ideia de criar a “Semana de Troca” no sítio, uma atividade que consiste na troca de trabalho por hospedagem e alimentação no local. O hóspede trabalha pela manhã e pode desfrutar dos demais atrativos do sítio durante o período vespertino e noturno (CAMPO GRANDE NEWS, 2017).

Ideias como esta se baseiam no conceito de *Work Exchange* (‘intercâmbio de trabalho’, em tradução livre), viagens baseadas em dias, semanas, meses ou até mesmo anos de troca de competências por comida e uma cama para dormir. Assim se promove a inclusão, a troca de experiências e culturas, além de fazer com que todos se sintam em casa onde quer que estejam. (NÔMADES DIGITAIS, 2017, n.p.).

Para participar não é necessária nenhuma experiência, apenas boa vontade e espírito colaborativo. Os participantes trabalham com bioconstrução no qual parte do trabalho envolve ajudar os próprios donos do sítio a erguerem pequenas casas, que servirão de alojamento para outros turistas.

No Sítio Passarim a procura pela “Semana de Troca” cresceu tanto que hoje existe uma lista com 7 mil pessoas cadastradas para participar desta atividade. São pessoas de todas as faixas etárias, culturas, classes sociais e profissões, sendo pessoas advindas de diversas partes do país e exterior como Bolívia, Alemanha, Estados Unidos, Rússia, Peru, Chile, Colômbia e Argentina.

3. METODOLOGIA

A realização deste estudo, que teve como lócus o Sítio Passarim, buscou verificar se as práticas de turismo do Sítio Passarim, realizadas durante a “Semana de Troca”, se caracterizavam como Turismo de Experiência. Para isso, será apresentada proposta metodológica que orientou seu desenvolvimento, assim como os procedimentos que foram utilizados para a coleta, sistematização e análise de dados.

Considerando isso, esta pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, pois “[...] se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (MINAYO, 2001, p.14). Então, se as práticas de turismo realizadas no Sítio Passarim caracterizarão ou não Turismo de Experiência, isso será entendido por meio da interpretação dessa dinâmica que se revelará nas falas dos sujeitos que tomaram parte das atividades do sítio. A quantificação dos registros da pesquisa, assim como sua análise estatística, pouco diz a respeito do objeto de estudo sobre o qual se debruça esta investigação.

Desse modo, pode-se dizer que pelo viés qualitativo “[...] os pesquisadores estudam as coisas em seus contextos [...], tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem.” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.17). A observação dos turistas pelo pesquisador durante suas atividades no sítio, complementando a análise das respostas da entrevista, serviu para a interpretação daquilo que não pode ser mensurável nas relações sociais, levando-se em consideração os traços subjetivos do sujeito e suas particularidades.

A pesquisa teve caráter exploratório e descritivo. Os estudos exploratórios visam a “familiarizar-se” com o fenômeno ou conseguir nova compreensão deste, frequentemente para poder formular um problema mais preciso de pesquisa ou criar hipóteses (SELLTIZ *et al*, 1974). Por sua vez, a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população e o estabelecimento das relações entre as variáveis (GIL, 1996).

No caso do Sítio Passarim, um primeiro momento da pesquisa tem propósito descritivo, apresentando as características do empreendimento turístico em diversas dimensões: geográfica, física, administrativa e filosófica. Esse levantamento inicial é feito com base em observações feitas pelo pesquisador em visita e participação na “Semana de Troca” no Sítio Passarim e um trabalho realizado com base na bioconstrução. O marco de passagem para a etapa exploratória do estudo é aplicação de um questionário com perguntas abertas aos turistas que participaram desta atividade.

A forma final do trabalho enquadra-se nos moldes do estudo de caso, que será iniciado por um levantamento bibliográfico e pesquisa documental a partir de materiais como documentos, notícias de jornais entre outros dados e culminando com as entrevistas dirigidas aos turistas participantes das atividades do sítio, como procedimentos serão utilizados pesquisa documental, bibliográfica e de campo utilizando-se do método de análise do discurso para se analisar as respostas dos entrevistados.

A coleta de dados ocorreu entre os dias 15 e 25 do mês de setembro do ano de 2017, através de questionários com 05 perguntas abertas. Os sujeitos da pesquisa que compõem a amostra deste estudo são cinco turistas, em um total de sete, que participaram da “Semana de Troca” no Sítio Passarim em março de 2017. O critério para escolha da amostra foi o fato de o pesquisador ter participado das atividades junto com os turistas no período supracitado, tendo os cinco aceitado participarem da pesquisa.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise do sistema de turismo do Sítio Passarim, possibilitou compreender a dinâmica de sua inserção no rol de destinos turísticos promissores na segmentação de Turismo de Experiência em Mato Grosso do Sul. Para ser considerada uma experiência, a viagem precisa superar a banalidade, os aspectos triviais, estereotipados e convencionais e estruturar-se como uma experiência que nasça da riqueza pessoal do viajante em busca de momentos e lugares que enriqueçam sua história (TRIGO, 2013).

Este estudo teve uma abordagem interpretativa do fenômeno social, foi fundamental para conhecer mais profundamente as práticas realizadas no Sítio Passarim. Essa leitura pôde ser feita a partir da visão dos participantes da atividade denominada “Semana de Troca”, em sua edição promovida no mês de março de 2017. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes a partir das seguintes questões:

- 1) O que motivou sua ida ao Sítio Passarim? Por quê?
- 2) O que você realizou no Sítio Passarim foi um aprendizado? Por quê?
- 3) A sua expectativa foi alcançada? Por quê?
- 4) O que você entende por experiência?
- 5) Você tem sugestões para ampliação das atividades no Sítio Passarim?

As respostas dos participantes a essas questões trouxeram à tona conteúdos ricos, que podem ser explorados em distintas direções. Este estudo, entretanto, que buscou responder se a semana de troca poderia ser entendida como atividade do Turismo de Experiência, apresenta um recorte, abrangendo apenas os tópicos que pudessem responder à questão. Desse modo, algumas das evidências deixadas pelos sujeitos da pesquisa permitiram uma visão mais clara do tipo de atividade exercida no Sítio Passarim.

Esse recorte, lido por uma perspectiva interpretativista, deu origem a duas categorias distintas. Tais categorias foram formadas pelo agrupamento das respostas em torno de dois núcleos, segundo sua afinidade. Dessa maneira, ao se referirem à “Semana de Troca”, de modo geral, os turistas entrevistados se referiram a dois aspectos mais característicos: a “interculturalidade” e a aquisição de “conhecimento por meio da experiência”. A análise e a discussão dos dados serão feitas adiante, no discorrer sobre cada uma dessas categorias.

4.1. Interculturalidade

O desafio do encontro de diferentes culturas é uma maneira incentivadora da construção de novos conhecimentos principalmente por meio das experiências, com isso, entende-se por interculturalidade o contato e troca entre culturas de forma igualitária, com respeito mútuo entre indivíduos e grupos acima de suas diferenças sociais e culturais (WALSH, 2009; PINEDA, 2009).

A atividade turística tem como objetivo conhecer culturas, tradições, costumes, novos lugares, algo vivenciado desde o início dos deslocamentos do ser humano ao longo da história. De acordo com o relato da entrevistada 4: “[...] *conheci um lugar diferente, pessoas com cultura diferente, crenças diferentes, o que sempre acrescenta na nossa construção pessoal.*”

Para o Bem Viver, enquanto ideia em construção constitui-se em uma proposta de harmonia com a natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementaridade e solidariedade entre os indivíduos e comunidades (WALSH, 2009). Durante uma entrevista um participante do grupo relata que: “[...] *me relacionei com pessoas de vários lugares diferentes e sempre considero que a cultura do outro também é um aprendizado.*” (ENTREVISTADA 3) e

também o entrevistado 5 “*A integração com a natureza e ter contato com pessoas que também tem o mesmo amor e respeito pela mãe terra*”. Neste sentido, Avendaño (2010, p. 28) explicita que,

[...] O Bem-Viver não é simplesmente um discurso bonito: é um desafio para assumir profundas transformações em nossas sociedades; é assumir um novo paradigma civilizatório; implica no desafio de harmonizar na realidade nossas relações com a natureza; implica em pôr em prática o reconhecimento dos direitos da natureza; desafia-nos a ouvir as sabedorias de nossos ancestrais; abre-nos a possibilidade para uma descolonização profunda, para um diálogo com a natureza e para reconhecer a sua dimensão espiritual.

O respeito à natureza, ao desconhecido, saber escutar a natureza e o outro, preservar e buscar conviver com o meio ambiente são algumas das atitudes que advêm desta relação. Conforme complementa outra entrevistada do grupo: “[...] *sair da zona de conforto e ajudar o próximo é sempre um aprendizado.*” (ENTREVISTADA 5).

As falas dos entrevistados complementam as teorias apresentadas nos estudos de Walsh e Pineda (2009) sendo possível identificar a interculturalidade no momento em que realizaram o intercâmbio cultural, interagiram entre si e trabalharam de forma igualitária na bioconstrução, independente de sua condição social e cultural construindo juntos novos conhecimentos e experiências.

Por meio das entrevistas, foi possível, também, constatar a presença nítida da teoria de Avendaño (2010), no que tange a preocupação dos turistas em relação à harmonização de suas relações com o meio ambiente, o cuidado e o amor para com a mãe terra. Mostra a preocupação dos envolvidos com a preservação do local, contribuindo assim para mantê-lo em equilíbrio e harmonia.

De acordo com Kawaguchi e Ansarah (2015, p.309), o conceito: [...] autenticidade está associado à originalidade, [...] refere-se às motivações e às experiências envolvendo o turista e a destinação [...] O turismo faz parte da cultura humana, pois integra um conjunto de todo o ser e fazer humano de uma sociedade [...] assim, “*Aprender um novo sistema construtivo que é a bioconstrução, um método do qual já estudei, mas nunca tinha colocado em prática*” (ENTREVISTADA 4).

Tal como destacado no conceito de Kawaguchi e Ansarah (2015), os turistas tiveram motivação para conhecer o Sítio Passarim pela autenticidade que o local oferece e a possibilidade de aprender algo novo que pudesse marcar suas vidas. Essa autenticidade se traduziu pela oferta oferecida através dos meios de comunicação, e confirmada nas atividades realizadas no sítio, de uma experiência de trabalho e descanso junto à natureza agregando valores e conhecimentos culturais.

4.2. Conhecimento através de experiências

A experiência como um fator individual, conforme explicita Pine II e Gilmore (1999) apontam, principal diferencial em meio à sociedade massificada. Ou seja, uma mesma experiência vivida pode ser percebida de diferentes maneiras de acordo com a personalidade, história de cada indivíduo, conforme expõe uma entrevistada: “[...] foi uma experiência de troca de trabalho, trabalhando com bioconstrução, mas ao mesmo tempo foi uma experiência pessoal muito boa porque foi uma troca com novas pessoas, de outras cidades, com pensamentos diferentes. Foi uma experiência muito rica” (ENTREVISTADA 2).

Revalidando com Panosso Netto (2010), experiência tem a ver com a emoção, com o prazer, ela é essencial para a socialização, o aprendizado, a articulação profissional e a satisfação pessoal, neste sentido como aponta a entrevistada 3: “[...] eu esperava aprender um pouco sobre bioconstrução, eu acabei aprendendo muito mais do que o esperado, comecei olhar minha futura profissão com outros olhos e tenho certeza que depois da experiência vou me dedicar muito mais a usar os princípios de bioconstrução e permacultura em minhas obras.”

Essas experiências foram vivenciadas e experienciadas por mais duas participantes da “Semana de Troca” do Sítio Passarim, que assim se expressaram: “Experiência é a definição de qualquer conhecimento obtido por meio dos sentidos” (ENTREVISTADA 5) e, “Experiência para mim é quando você vive na prática algo que você ainda não conhecia e isso te transforma de alguma forma” (ENTREVISTADA 2).

Conforme Kawaguchi e Ansarah (2015, p. 317)

O turismo de experiência possibilita vivências turísticas diferenciadas, únicas, em que o turista poderá se sentir mais autêntico e exprimir sua(s) identidade(s) mais livremente. [...] hábeis de despertar sentimentos, sensações e interações de acordo com a realidade em que estão inseridos, expressando as representações simbólicas das identidades locais e seu modo de vida peculiar.

As experiências são uma busca constante na satisfação de desejos (PINE II e GILMORE, 1999). Assim, apresenta a entrevistada 4 “A experiência é um tipo de aprendizado, que você obtém, aliás, que você conquista a partir do instante que vivência os momentos da sua vida. As minhas experiências são o que me proporcionaram todo o meu conhecimento.”

Percebe-se nas respostas dos entrevistados o destaque dado ao tema conhecimento através de uma experiência, tanto no campo pessoal como profissional. No campo pessoal as

experiências aconteceram através do dia a dia no convívio com pessoas de outras culturas e, no campo profissional pelo aprendizado das técnicas de trabalho em bioconstrução, oportunidade ímpar de ter contato com materiais naturais como argila, areia e fibras vegetais na produção de tijolos ecológicos. *“Algo que podemos vivenciar e que some com o nosso crescimento pessoal/profissional [...]”* (ENTREVISTADA 1).

De acordo com a figura abaixo, os autores Pine II e Gilmore (1999), explanam que uma sensação pode envolver cada pessoa em diversas dimensões. As experiências sensoriais constroem alguns domínios, que são: entretenimento, educação, estético e escapista.

Figura 2 - Os domínios da experiência



Fonte: PINE II e GILMORE (1999, p. 40)

Conforme explica Gonçalves (2016), o modelo apresentado e construído por Pine II e Gilmore (1999) se organiza da seguinte forma:

O eixo horizontal corresponde à participação dos convidados, onde há influência dos turistas nas experiências, podendo ser uma participação passiva ou ativa. Na primeira o turista não influencia diretamente o desempenho do evento, se torna apenas um observador e na segunda o turista afeta de modo pessoal o desempenho do evento, que gera a sensação. O eixo vertical corresponde à outra dimensão da sensação e está dividido em absorção, onde o indivíduo está se ocupando e transferindo essa sensação à mente, sem participar da execução e, na imersão, o indivíduo se torna participante ativo, fica imerso no evento.

Com base nos estudos de Kawaguchi e Ansarah (2015) pode-se perceber que, para a maioria dos entrevistados, a atividade realizada na “Semana de Troca” foi uma experiência marcante para os envolvidos, uma vez que estes expressam em suas respostas fatos que podem ser considerados únicos e inesquecíveis, como exprimir sua identidade mais livremente quando da interação com os outros participantes. Ficou evidente que para tornar essa atividade marcante houve grande contribuição dos elementos pertencentes ao domínio Educação presente nos estudos de Pine II e Gilmore (1999), onde os participantes usaram ativamente o corpo e/ou a mente para obter novos conhecimentos, melhorar suas habilidades no trabalho com bioconstrução e aprender mais sobre si mesmos.

As expressões “bioconstrução” e “aprendizagem” foram as que apareceram com maior destaque nessa dimensão. Esse resultado é mais bem compreendido quando exposto à comparação com os estudos de Panosso Netto (2010), quando afirma que a experiência é essencial para o aprendizado e a articulação profissional.

A experiência é uma vivência que gera um conhecimento que vai colaborar para o crescimento pessoal e profissional do indivíduo, com isso, percebe-se que conhecimentos por meio de experiências praticadas pelo Turismo de Experiência oportunizam vivências e estas por sua vez podem contribuir para redimensionar conceitos e tecer novos olhares sobre a natureza. É o caso do Sítio Passarim onde os turistas que participaram da “Semana de Troca” saíram de sua zona de conforto e viajaram para um lugar diferente, conheceram novas pessoas, interagiram e aprenderam com a cultura do outro, tiveram a oportunidade de trabalhar em contato direto com a natureza, num projeto de bioconstrução, vivenciando realmente uma experiência memorável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desta pesquisa teve como objetivo geral verificar se as práticas realizadas no Sítio Passarim, caracterizam-se como Turismo de Experiência. Neste sentido por meio da pesquisa realizada *in loco* foram que os resultados apontaram durante a pesquisa, dois principais eixos, sendo eles: a) interculturalidade e b) conhecimentos através de experiências, sendo que a maioria das questões comentadas pelos entrevistados teve pontos de vista convergentes em relação a essas práticas, que foram vivenciadas na atividade “Semana de Troca”, realizada no mês de março do corrente ano.

Notadamente os participantes ficaram entusiasmados com a experiência obtida durante a realização das atividades no Sítio, resultado disso foi percebido durante as respostas da

pergunta sobre quais sugestões deixariam para melhoria no Sítio, onde a maioria sugeriu a criação de uma escola de bioconstrução, no local, junto com uma horta para o cultivo de produtos orgânicos. Essas atividades como produto turístico, poderiam agregar valor ao atrativo e conseqüentemente a sua diferenciação, contribuindo assim para o desenvolvimento da atividade.

Outra solicitação foi em aumentar o número de atividades “Semana de Troca”, que atualmente é realizada apenas duas vezes o ano, dando assim a oportunidade para que mais turistas possam participar dessa experiência.

Portanto, respondendo ao questionamento norteador deste trabalho o qual indagava-se as ações que estão sendo realizadas no Sítio Passarim possuem elementos para que seja caracterizado como Turismo de Experiência? Entende-se que os resultados apresentados por esta pesquisa constataram que as atividades realizadas no Sítio Passarim são caracterizadas como Turismo de Experiência, com base na interculturalidade apresentada nos relatos dos entrevistados e por meio de conhecimento promovido através da experiência, apontando para quiçá uma escola de bioconstrução no Sítio.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Alberto Costa: tradução de Tadeu Breda – São Paulo: Autonomia Literária. Elefante. 2016.

_____. **Buen Vivir Suma Kawsay: Una oportunidad para imaginar nuevos mundos**. Quito: AbyaYala, 2012.

AVENDAÑO, Tatiana Roa. O desafio de retomar os mitos e reencantar o mundo a partir do Sumak Kawsay. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, Ed. 340, ano X, p.25-28. 23 ago. 2010. Entrevista por Moisés Sbardelotto. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao340.pdf>>. Acesso em: 05 nov 2017.

CAMPO GRANDE NEWS. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br>. Acesso em: 10 mai 2017.

GONÇALVES, Débora Fittipaldi. *Turismo de experiência, culturas e desenvolvimento: uma relação possível para o Pantanal Mato-grossense na sub-região de Miranda?!*. Tese de Doutorado (Desenvolvimento Regional) - Universidade Regional de Blumenau. 2016, p.249.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo, Futura, 1998.

DENZIN, Norman. LINCOLN, Yvonna S. (Orgs). **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da**

pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.

ESTERMANN, Josef. **“Vivir bien” como utopia política.** La concepción andina Del “vivir bien” (suma qamanã/allinkawsay) y su aplicación en el socialismo democrático en Bolivia. Disponível em: <http://www.iseatbolivia.org/iseat>. Acesso em: 23 out 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1996.

Hidalgo-Capitán, Luis Antonio (2012, January). **El Bien vivir – La (re)creación del pensamiento del PYDLOS.** Universidad de Cuenca.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 08 jun 2017.

KAWAGUCHI, Renata C. C; ANSARAH, Marília. G. R. . Em busca da autenticidade nos destinos: o consumo da experiência. In: PANOSSO NETO, Alexandre; ANSARAH, Marília. (Org.). **Produtos Turísticos e novos segmentos de mercado. Planejamento, criação e comercialização.** 01 ed. Barueri: Manole, 2015, v. 1, p. 308-324.

LEITE, Pedro Pereira. **Suma Kawsay – O Bem Viver ou uma nova ética para a sociedade.** Disponível em: <http://www-periodicos-capes-gov-br.ez51.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 25 jul 2017.

MARKUS, Cledes; GIERUS, Renate. (Org.). **O Bem Viver na Criação.** São Leopoldo; Oikos, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001. 80 p.

MOLLO, E. C. (2011). **El vivir bien, una propuesta de los pueblos indígenas a la discusión sobre El desarrollo.** *Obets.* Revista de Ciencias Sociales, (v. 6), n. 1, pp. 19-33. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/18065/1/OBETS_06_01_02.pdf. Acesso em: 16 out 2017.

MOTTOSLOWTRAVEL. **Viagem de moto pelo mundo.** Disponível em: <http://www.mottoslowtravel.com.br/o-que-e-slow-travel>. Acesso em: 08 jun 2017.

NÔMADES DIGITAIS. **A incrível pousada no Mato Grosso do Sul que troca trabalho por hospedagem e alimentação.** Disponível em: <http://nomadesdigitais.com>. Acesso em 10 jun 2017.

PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília. (Org.). **Turismo de Experiência.** São Paulo: Ed Senac, 2010.

PINE II, B. Joseph. **O espetáculo dos negócios: desperte emoções que seduzam os clientes, sensações intensas determinam o valor de produtos e serviços.** Joseph Pine II, James H. Gilmore; tradução de Maria José Cynlar Monteiro. - Rio de Janeiro: Tradução de: The experience economy.

PINEDA, Fabíola Luna. **É Hora de sacudir os próprios preconceitos e de construir a Terra: sobre Educação Intercultural.** In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação Intercultural na**

América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. P. 94-123.

SAMPAIO, C. A. C.; CECCATO, M.; MENDONÇA, Carlota; REHME, G. *Slowcity: como proposta de desenvolvimento territorial sustentável*. II Seminário Internacional Culturas e Desenvolvimento, Chapecó, 2014. Anais, Chapecó, 2014.

RIO VERDE. Prefeitura Municipal de Rio Verde de Mato Grosso. Disponível em: <http://www.rioverde.ms.gov.br>. Acesso em: 10 out 2017.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br>. Acesso em: 10 jun 2017.

_____. **Turismo de Experiência** – Disponível em: <<http://www.sebrae.com.brUFs>> Anexos. Turismo de experiência.

SEGATO, R. L. **La Perspectiva de La Colonialidad del Poder y el giro descolonial**. In: José Luis Coraggio y Jean-Louis Laville. **Reinventar La izquierda en el siglo XXI: hacia un dialogo norte-sur**. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2014. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140918020441/ReinventarLaIzquierda.pdf>. Acesso em: 16 out 2017.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 2. ed. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: EPU, 1974. 687 p.

SENPLADES. **Plan Nacional para El Buen Vivir 2009 - 2013: construyendo un Estado plurinacional e intercultural**. Quito-Ecuador: SENPLADES, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941 – **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. Ver. E atual. – São Paulo: Cortez, 2007, p. 125.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A viagem: caminho e experiência**. São Paulo: Aleph, 2013.

WALSH, Catherine. **Interculturalid, Estad, Sociedad: Luchas (de) coloniales de nuestra época**. Quito: Ediciones Abya Yala, 2009. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140918020441/ReinventarLaIzquierda.pdf>. Acesso em: 16 out 2017.

ANEXO A – REGRAS DE SUBMISSÃO ONLINE REVISTA HOSPITALIDADE

Diretrizes para Autores

Submissão de Artigos

A submissão e o acompanhamento da avaliação de artigos são feitos exclusivamente online, no endereço: <http://www.revhosp.org>

A Revista Hospitalidade não cobra dos autores o envio e editoração dos artigos. Caso não possua login/senha para acesso ao Portal de Revistas de acesso aberto em Turismo, basta efetuar seu cadastramento em <http://www.revhosp.org>

Os originais são avaliados por especialistas reconhecidos na área, sem a identificação do(s) autor(es).

Eventualmente podem ser aceitos trabalhos já publicados em revistas editadas no Exterior, desde que aprovados pelos especialistas reconhecidos na área e com autorização por escrito do responsável pela revista que o publicou originalmente.

Quando o artigo for de mais de um autor, estes devem ser apresentados em ordem (alfabética, importância ou outra). O(s) autor(es) deve(m) autorizar a publicação do seu trabalho na Revista Hospitalidade.

As opiniões expressas pelos autores são de exclusiva responsabilidade destes, e não retratam, necessariamente, a opinião dos editores.

A Revista Hospitalidade aceita colaborações nas temáticas de Hospitalidade e todas as suas vertentes, na forma de: - artigos oriundos de pesquisas científicas originais; - resenhas de livros recém publicados; - sínteses de eventos científicos; - entrevistas ou debates com especialistas da área.

Instruções Normativas: As colaborações devem ser enviadas ao endereço eletrônico da revista e devem obedecer à seguinte formatação: Folha: A4 (29,7 x 21,0 cm). Editor de texto: formato DOC ou RTF. Margens: esquerda, direita, superior e inferior de 2 cm. Fonte: Times New Roman, tamanho 12. Parágrafo: espaçamento entre parágrafos: 0; entre linhas: 1,5; alinhamento justificado; recuo especial da primeira linha: 1,25. Número máximo de páginas: 20 para artigos, 5 para depoimentos ou entrevistas e 2 laudas para síntese de eventos ou resenhas de livros. Usar itálico ao invés de sublinhado, exceto em endereços URL que devem estar ativos. A primeira página do artigo deve conter o título, o resumo e as palavras-chave (em português, inglês e espanhol): - Título em português, inglês e espanhol, claro e conciso. -

Resumo no idioma original, em inglês e espanhol do artigo entre 150 e 200 palavras, acompanhado de até 5 palavras-chave separadas entre si com ponto e vírgula(;). - Abstract (no caso do artigo não ser escrito em inglês) entre 150 e 200 palavras, acompanhado de até 5 palavras-chave separadas entre si com ponto e vírgula (;). - Resumen (no caso do artigo não ser escrito em espanhol) entre 150 e 200 palavras, acompanhado de até 5 palavras-chave separadas entre si com ponto e vírgula (;). - Os resumos devem ser informativos (tema, objetivo, metodologia, resultados e conclusão). Em seguida, iniciar o texto em linguagem clara e objetivo, e atentar para uma estrutura adequada ao artigo científico (introdução, desenvolvimento e conclusão). As figuras (fotos, esquemas, gráficos, mapas etc.) e tabelas devem ser inseridas e citadas no decorrer do texto e não ao seu final; numeradas e tituladas. Citar a fonte no caso de figuras ou tabelas já publicadas. As referências devem ser citadas no corpo do texto, na forma sobrenome, ano e página de publicação (autor/ano). As referências bibliográficas completas deverão ser apresentadas em ordem alfabética no final do texto (NBR-6023). Incluir notas de rodapé que forem imprescindíveis, de caráter explicativo, numeradas sequencialmente em algarismos arábicos. Não incluir Anexos, a menos que sejam essenciais ao entendimento do texto, após as Referências.

Para garantir a análise cega pelos pares, os trabalhos submetidos devem ser apresentados sem referência aos autores, nem no corpo do texto nem nas propriedades arquivadas pelo editor de texto utilizado. A equipe editorial da Revista Hospitalidade tem o direito de realizar alterações normativas, ortográficas e gramaticais nos artigos, respeitando o estilo dos autores.

As provas finais não serão enviadas para aprovação dos autores. Os originais não serão devolvidos aos autores. Os trabalhos publicados na Revista Hospitalidade possuem direito de copyright de seu autor (es) que reter(em) os direitos de publicação de seus artigos em ocasiões futuras, fora da Revista Hospitalidade.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao Editor".

Os arquivos para submissão estão em formato DOC (OpenOffice Writer ou Microsoft Word) ou RTF (desde que não ultrapassem 2MB)

URLs para as referências foram informadas quando necessário.

O texto está em espaço entre linhas: 1,5 ; usa uma fonte de 12-pontos; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento, como anexos.

O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores, na seção Sobre a Revista.

A identificação de autoria do trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no editor de textos utilizado, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em Assegurando a Avaliação Cega por Pares.

Declaração de Direito Autoral

Autorizo a publicação de meu trabalho, pela Revista Hospitalidade, de acesso aberto e gratuito, por prazo indeterminado e a título de colaboração não remunerada. Declaro também que o textual apresentado são de minha autoria, indicadas as fontes quando necessárias. Declaro ainda que reconheço a política de punição por eventuais plágios devidamente identificados, que consiste na eliminação imediata dos arquivos com essa caracterização. Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Eu _____,
RG nº _____, estou sendo convidada a participar de um estudo denominado: **TURISMO DE EXPERIÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO NO SÍTIO PASSARIM EM RIO VERDE DE MATO GROSSO-MS**. O objetivo da pesquisa é verificar se as práticas de turismo do Sítio Passarim, se caracterizam como Turismo de Experiência. Sei que, para o avanço da pesquisa, a participação de voluntários é de fundamental importância. Caso aceite participar desta pesquisa, eu concederei a entrevista, os dados e informações solicitadas aos pesquisadores, que será conduzida por perguntas geradoras referentes às questões que se relacionam ao Sítio Passarim, suas vivências e experiências.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome, ou qualquer outro dado confidencial, será mantido em sigilo. A elaboração final dos dados será feita de maneira codificada, respeitando o imperativo ético da confidencialidade. Também estou ciente de que posso me recusar a participar do estudo sem precisar justificar, nem sofrer qualquer dano.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são a Profa. Dra. Débora Fittipaldi Gonçalves (orientadora) e Acadêmico Carlos Alberto Leite Nunes (orientando), com quem poderei manter contato pelos telefones (67) 98100-0353 ou (67) 99946-1960.

Estão garantidas todas as informações que eu queira saber antes, durante e depois do estudo.

Li, portanto, este termo, fui orientada quanto ao teor da pesquisa acima mencionada e compreendi a natureza e o objetivo do estudo do qual fui convidada a participar. Concordo, voluntariamente, em participar desta pesquisa, sabendo que não receberei e nem pagarei nenhum valor econômico por minha participação e informações dadas.

Assinatura do sujeito de pesquisa

Assinatura dos pesquisadores

Assinatura dos pesquisadores

Campo Grande, MS, 15 de setembro de 2017.